

DO PRIMITIVO

VILEM FLUSSER

I

As linguas eslavas dispõem de um prefixo: "pra", a alemã do prefixo "ur", e a grega do prefixo "arché". Na luta que travo com a lingua portuguesa ainda não descobri equivalente. O nosso pensamento, quando insuflado e informado pelo espirito do português, dilui-se ou faz cambalhotas ao chocar-se contra este tipo de prefixo. Formula palavras como "primitivo", "primordial", "original" ou o ridiculo "arqui". Não direi que os três prefixos mencionados na primeira sentença deste artigo sejam identicos entre si, pois não há identidade de significados entre linguas. Mas articulam, em todo caso, algo inarticulavel na lingua portuguesa. Isto é um grave defeito para o presente artigo, cujo tema será exatamente este algo inarticulavel. O leitor objetará, com alguma razão, que neste caso melhor seria não escrever o artigo. Mas esforços de traduzir conceitos e pensamentos de uma lingua para outra podem ser curiosamente fecundos. Não alcançam talvez sua meta (que é a tradução), mas provocam conceitos e pensamentos novos. Creio que a filosofia inglesa e alemã dos seculos 17 e 18 é tão poderosamente original porque se esforça, em vão, por traduzir conceitos latinos. Neste sentido é "primitiva" essa filosofia. O presente artigo será, pois, uma busca do primitivo, ao procurar traduzir "pra" por "primitivo".

Dois pensamentos aparentemente dispares provocaram a presente exposição. O primeiro é o seguinte: a benção judia "Que o Eterno te faça como Abrão, Isaac e Jacó" é o desejo de recapturar a primitividade dos primeiros ancestrais. O segundo pensamento é este: o primitivismo de certos quadros na Bienal é o exato contrario da primitividade. Para sintetizar os dois pensamentos: o alfandegario Rousseau é o exato contrario de Abrão, mas é semelhante ao abençoado pela benção mencionada. Em outras palavras: Abrão está na origem e é originalidade, Rousseau e o abençoado estão opostos á origem e buscam originalidade. O problema que estes pensamentos provocam tem algo a ver com os conceitos do tempo, da historia, da ingenuidade e do pecado. Talvez teria sido melhor se tivesse chamado este artigo "Da virgindade".

O primitivo é a virgem, o primitivismo é a busca da virgindade perdida. O primitivo tem a aura da santa simplicidade e do desvelar do misterio que se esconde no além do tempo. O primitivismo lembra a filha que confessa á mãe: "Creio que estou um pouquinho grávida". O primitivo gera, o primitivismo procura, o aborto. O primitivo ignora, o primitivismo põe o conhecimento em parentese. O primitivo

disciplina explicativa que é, procura destruir o misterio e acabar com o primitivo. Consegue apenas borrar um pouco os saltos individuais e empurrar a origem primitiva para dentro do colo do passado misterioso.

O misterio anda de mãos dadas com o primitivo. E' por isto que o primitivo fascina. E' um encanto perigoso, porque afasta do caminho. Não é o primitivo do ultimo salto que nos deve alair, nem do penultimo salto, nem daquele mitico primeiro salto. Mas é o primitivo do proximo salto, que está sempre pronto a dar-se. O Ser, este misterio dos misterios, é como um tigre acorçado que se apronta para o proximo salto. E este tigre habita em nós, e é em nós que sentimos a tensão pronta a descarregar-se. Sentimos em nós a prontidão de precipitarmos para dentro do proximo primitivo. Que o Eterno não nos faça como Abrão, nem muito menos como o alfandegario Rousseau, mas que nos faça outro. Mas de onde pesquei esta minha escala de valores, tão semelhante aos valores "progressistas"?

Pesquei essa escala no nojo que causa uma situação evoluída. Esse nojo são aguas turvas que nada têm em comum com a corrente cristalina na qual nadam os progressistas. Não creio, com eles, que, quanto mais evolui uma situação, tanto mais bela fica. Creio, pelo contrario, que a evolução é como concentração de pus numa pustula, e que demanda uma catastrophica descarga. Não é portanto um processo muito apetitoso. Uma situação evoluída causa nojo, porque nela o misterio primitivo se diluiu. Mas esta propria sensação de nojo é sintoma de que a pustula está amadurecendo. Talvez o cosmos se haja retorcido de nojo, para vomitar a Terra. Talvez a Terra haja vomitado a vida, e a vida, o animal, e o animal, o homem. Talvez seja o primitivo uma consequencia do nojo do evoluído por si mesmo. Talvez o Ser salte porque tem nojo de si mesmo. Talvez seja a nausea, e não a inercia, a mola que move firmamentos, e em cujo louvor cantamos hinos, tantos científicos como religiosos.

A nossa é uma situação evoluída. O misterio primitivo desdobrou-se nela num processo de realização progressiva. O que primitivamente era apenas virtualidade, tornou-se realidade. As promessas do primitivo estão cumprindo-se. Estamos prestes a penetrar a Terra Prometida. Mas a Terra, na qual correm o leite e o mel, é excessivamente leitosa e melosa. Uma coisa é prometer o mel, e outra, inteiramente diferente, é lambê-lo da manhã até a noite. Queremos saltar para fora do pote de mel, para dentro do qual o progresso ameaça mergulhar-nos. E' neste sentido que o primitivo nos fascina.

411-36

transborda, o primitivismo se contenta. O primitivo é o paraíso perdido, o primitivismo é o paraíso do Último Dia. A história é um ciclo: brota no primitivo e desemboca no primitivismo. O primitivo e o primitivismo são as duas situações de limite do tempo. No primitivo nasce o tempo, no primitivismo morre.

Uma contemplação de obras de arte primitivistas revela, no entanto, que pode haver primitivistas primitivos. Ignoram a sua primitividade, e são primitivistas a despeito dela. Lembram o paciente que consulta o psicanalista para curar-se do complexo de inferioridade. "O senhor não tem complexo, diz o medico, o senhor é inferior mesmo". Creio que este primitivismo primitivo é um aspecto da situação na qual estamos. Confesso que se trata de um fenomeno complexo. A nossa cabeça gira ao considerá-lo. Como explicar esses barbaros a pulular por aí, que fazem de conta que são primitivos, e são primitivos mesmo? Algumas considerações do primitivo talvez esclareçam um pouco o problema

Um mandamento do senso comum do seculo passado reza: "a natureza não faz saltos". Este mandamento é um calmante para a mentalidade burguesa. Catastrofes não ocorrem. Mas nós, herdeiros de uma serie de catastrofes recentes, perdemos a fé no mandamento. A natureza (ou qualquer que seja o termo apropriado para designar o nosso ambiente) não se comporta razoavelmente. Não desliza, nem rasteja, nem marcha, mas salta. Considerem os saltos mais abruptos que deu, e os abismos que transpôs nesses saltos. O salto que resultou naquelas condições fisico-químicas chamadas "superfície terrestre" e que são caracterizadas pelos líquidos aí existentes. O salto que resultou naquele cristal liquido chamado "protoplasma". O salto que resultou naquele tecido cinzento chamado "nervo". O salto que resultou no homem e cuja irrupção catastrofica as pinturas de Lascaux atestam. As nossas tentativas de construirmos pontes sobre estes abismos são frustras. Pois a situação que surge depois de um salto é uma situação primitiva. Em outras palavras: é uma situação não razoavel. Não podemos explicar razoavelmente como surgiram as condições terrestres, nem como surgiu a vida, ou a sensação, ou o homem. E' por isto que há uma terra primitiva, uma vida primitiva, um animal primitivo, e o famoso homem primitivo. Se pudessemos explicar razoavelmente estes fenomenos todos, deixaríamos de ser primitivos. O salto irrazoavel que estou descrevendo se chama, em alemão, "Ursprung". isto é, um salto que tem o prefixo "ur" mencionado. O primitivo é o inexplicavel, portanto o misterioso. Quando explicado, deixa de ser primitivo. Explicar é destruir o misterio da origem. A ciencia, como dis-

2

tao que o primitivo nos fascina. Nesta situação, e por mal-entendido tragico, surge, creio, o primitivismo. Procura penetrar pote adentro, para lambe o seu fundo. E' obvio que não alcança o fundo, já que o mel da situação o prende de todos os lados. Cria portanto os mitos do selvagem nobre, do Achanti artista, do homem concretista das cavernas rodesianas, para poder agarrar-se a alguma pseudoprimitividade, na sua decadencia pote adentro. Não é assim, creio, que saltaremos.

O primitivismo pode assim ser fruto de uma evolução extrema, e de uma negação desesperada dessa evolução vivenciada como nojenta. Mas uma evolução extrema, uma existencia lançada em pote de mel, pode conduzir ao cretinismo. E o cretino é uma especie de primitivo. E' primitivo no sentido de não participar da evolução cuja derradeira consequencia éle representa. Se a evolução é um processo gerador que realiza as virtualidades dormentes no primitivo, o cretino é degenerado, e neste sentido neoprimitivo. Isto explica em parte, creio, o primitivismo que presenciamos nas artes e na literatura, ou simplesmente nas "boites" e nas corridas de automoveis. Confesso, no entanto, que é difficil a distincão concreta entre o primitivismo primitivo e o primitivismo deliberado.

Não será assim, repito, que o salto será dado. Como exemplo daquilo que tenho em mente cito os cristãos primitivos. Eram existencias que se negaram a aceitar a situação evoluída do Imperio Romano. Considerem como são primitivas as suas pinturas nas catacumbas e os seus mosaicos. São primitivas essas obras, porque nelas e com elas deu um salto o pensamento humano. Algo inteiramente imprevisivel, algo misterioso. Sentimos que as explicações que a historia nos fornece, para destruir a aura do misterio da origem do cristianismo, são frustras. Não conseguem explicar a primitividade desse fenomeno original e novo. Pois será assim, contra toda expectativa e contra toda razão, que saltaremos para o nosso novo primitivo, se é que o faremos. Mas se digo: "contra toda expectativa", não estarei caindo em contradicção comigo mesmo? Como posso afirmar que algo acontecerá, se não espero por este algo? Confesso que não estou sendo razoavel. Nessa esperança no inesperado revela-se, talvez, um primitivismo. Ou um novo primitivo. E' possivel que já sejamos todos, em grau maior ou menor, primitivos neste sentido. Ingenuos no nosso desespero. Um desespero virado ingenuamente esperança. O salto, no qual falei neste artigo, o salto para o novo primitivo, está talvez se dando. E o sintoma infallivel disto seria o abismo que se abriu debaixo de nós para nos engolir. Alcançaremos a outra margem, a margem do novo primitivo?